

I
UM MAR DE NÉVOA



650 mil horas

FALTAVA UM SUSPIRO para que um ano acabasse e começasse outro. Invenção humana para vender calendários. Afinal de contas, decidimos arbitrariamente quando começam os anos, os meses e até as horas. Organizamos o mundo como queremos e isso nos deixa tranquilos. É possível que, sob um caos aparente, o universo tenha, apesar de tudo, uma ordem. Mas sem dúvida não será a nossa.

Enquanto colocava sobre a solitária mesa da sala de jantar uma garrafa pequena de champanhe e 12 uvas, eu pensava nas horas. Havia lido em um livro que as baterias da vida humana se esgotam ao cabo de 650 mil horas.

Pelo histórico médico dos homens da minha família, calculei que minha expectativa de horas era um pouco menor do que a média: umas 600 mil, no máximo. Aos 37 anos, era provável que estivesse na metade do percurso. A questão era: quantos milhares de horas eu já desperdiçara?

Faltando pouco para a meia-noite daquele dia 31 de dezembro, minha vida não havia sido exatamente uma aventura.

Com uma família limitada a uma irmã que não via quase nunca, minha existência transcorria entre o departamento de filologia germânica — onde sou professor adjunto — e meu obscuro apartamento.

Fora minhas aulas de literatura, mal tinha qualquer contato social. No meu tempo livre, além de preparar as matérias e corrigir provas, me entregava às típicas ocupações de um solteirão mal-humorado: ler e reler livros, ouvir música clássica, assistir ao noticiário... Uma rotina em que a coisa mais emocionante eram minhas idas ocasionais ao supermercado.

Às vezes, me concedia um prêmio nos feriados e ia aos cinemas Verdi para ver um filme em sua versão original. Sempre na penúltima sessão. Saía tão só como quando entrara, mas o que vira me proporcionava distração até a hora de me deitar. Já entre os lençóis, lia o folheto que o cinema publica sobre o filme: contém ficha técnica, os elogios da crítica (as críticas negativas nunca aparecem) e entrevistas com o diretor ou os atores.

A opinião que eu havia formado sobre o filme nunca mudava. Depois apagava a luz.

E nesse exato momento me invadia uma sensação muito estranha. Pensava que não tinha certeza de que despertaria no dia seguinte. E, o que é pior, me angustiava calculando quantos dias, mesmo semanas, passariam até que alguém percebesse que eu havia morrido.

Sentia essa inquietação desde que lera no jornal que um japonês fora encontrado em seu apartamento três anos depois de seu falecimento. Aparentemente ninguém sentira sua falta.

Mas voltemos ao caso das uvas. Enquanto pensava nas horas perdidas, contei 12 uvas e coloquei-as num pratinho. Na frente dele, uma taça alongada e a pequena garrafa de champanhe. Nunca fui um grande bebedor.

Abri a garrafinha quando ainda faltavam seis minutos para que os sinos comesçassem a tocar. Não iriam me pegar desprevenido. Depois liguei a televisão e sintonizei em um dos canais

que exibiam um relógio emblemático. Creio que era o da Porta do Sol de Madri. Atrás do casal de apresentadores, belos e reluzentes, agitava-se uma multidão entusiasmada estourando rolhas de espumantes. Alguns cantavam ou pulavam com os braços erguidos para que fossem captados pelas câmeras.

Como parece estranha a diversão das pessoas quando se está sozinho!

Os sinos começaram finalmente a tocar e, ao som do relógio, cumpri o ritual de encher a boca com as uvas. Enquanto arejava o paladar com um gole de champanhe, não pude evitar me sentir ridículo por ter mordido a isca da tradição. Quem me mandava participar daquela pantomima?

Resolvi que o assunto não merecia que lhe dedicasse mais tempo, enxuguei a boca com um guardanapo e desliguei a televisão.

Enquanto tirava a roupa para me enfiar na cama, chegava da rua o estampido de fogos e gargalhadas.

“São infantis”, disse a mim mesmo ao apagar a luz no fim de mais um dia.

Naquela noite demorei a conciliar o sono. E não pela bagunça da rua — bastante perceptível já que vivia entre duas praças do bairro de Gracia —, pois tenho o hábito de ir para a cama com máscara de dormir e protetores de ouvido.

Pela primeira vez naquelas festividades me senti só e desamparado, e desejei que a farsa natalina acabasse logo. Esperavam-me cinco dias tranqüilos, por assim dizer. Depois haveria o almoço de Reis com minha irmã e seu marido, um sujeito que sofre de depressão desde que o conheço. Não tiveram filhos.

“Isso será difícil de engolir”, pensei, “pelo menos no dia seguinte tudo volta ao normal.”

Reconfortado por esse pensamento, notei que minhas pálpebras se fechavam. Voltaria a abri-las?

“Já estou em um novo ano”, foi meu último pensamento,
“mas nada de novo virá.”
E adormeci ignorando o quanto me equivocava.